



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Propriedade, Edição e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Batalha-Lisboa* • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

PREÇO 5 CENTAVOS

Segunda-feira, 1 de Novembro 1920

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## CAMINHO DO COMUNISMO

### NOTAS & COMENTÁRIOS

As pessoas tam obtusas e tam insensatas à profunda agitação espiritual dos tempos que não vêm, não comprehendem nem querem ver que a Humanidade vai a caminho de novas normas de vida, que afirmem para sempre aística na sociedade. O momento é, evidentemente, de transição, de gestação de preparação; mas não é menosável que na consciência do homem percorra uma mutação tam profunda que precia os motivos e a finalidade da existência, que o leva inexoravelmente à formação de novos estados de vida contribuindo, uns conscientemente, outros menos conscientemente à desordem (mais ou menos violenta e acelera, conforme as condições de lugar e preparação) da sociedade capitalista, cuja base económica descansa num seio materialista e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza.

Se vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é invável, injusta e infíca para restaurar a ordem moral do mundo,

interessante é discutir o problema a base da possibilidade de substituir este perturbado mecanismo que

esta o privilégio duma classe em

mento das restantes, por outro pela sua estrutura e organização, a garantir o bem estar e responder fielmente aos desígnios eternos e

versais que estão marcados no espírito humano.

O edifício da economia burguesa

em terra quando pretende re

alizar, normalizar e assegurar a vi-

material da colectividade; não con-

ce os seus propósitos, que foram e

devem ser ainda a razão basilar da existência, porque a capacidade de

influir não se sujeita nem está em re-

com a necessidade de consumir:

o sistema da economia burguesa

— a lei da concorrência e o lucro

real, mas nunca a necessidade ou a

veniente geral da sociedade, e, ne-

condições, os resultados teem forçado

de ser o que são: desastrosos

mas, um alívio de lutas e discórdias

que trazem como consequência o

ato do atropelo, da fome e da injus-

tação negra, nem os mais furi-

osos defensores do individualismo

e o homem é um factor

real e constante de colaboração na

luta da riqueza, e não só sob o

olho de vista da conveniência social,

também sob o aspecto puramente,

ativo e fisiológico, está provado

o indivíduo, como representação

e física, obedece à lei da solidida-

de, pela qual todos os seres sensi-

tuais os seus actos e os moti-

vos da sua existência.

Existe essa lei de solidariedade, obe-

de-a ela o sistema económico que tem

base a propriedade individual? Não,

podemos dizer que o sistema

entusiasticamente defendido pela

maioria só carece de moral, mas

mesmo contra os mais elementares

princípios desta.

Se a solidariedade não pode existir

entre os seres, Portanto, todo o sistema

solidário é anti-social. Esta ideia,

justa e tam simples, condona dum

modo definitivo um regime que já

de ser defendido senão levando a

uma expressão essa monstruosa-

que é a sua essência, convertendo

Salvador SEGUÍ.

## procissão de Cacilhas

Propósito da carta que há dias fomos de António Francisco da Silva rebatendo a local de José Alais ante a procissão de Cacilhas, aces- se este último a carta que abaixo

publicoumos.

Assim com essa carta vem tam-

uma circular com os nomes dos

passionados e efectivamente nela

uma alguma se justifica que a pro-

cessão levada a efeito por «iniciati-

va classe marítima», porquanto en-

contram os 25 nomes que a assinam, só en-

contram os dois operários marítimos,

os restantes proprietários, in-

divis, comerciantes, empregados

e proprietários marítimos,

que, porém, é que a provocação no

liberal do povo mantém-se. A

ideia para os reactionários é muito

mais daquela que as autoridades

do povo para dizer da sua justiça,

ratificando os que roubam, ou fa-

propaganda de sas doutrinas

disparar as trevas que o jesuitismo

acionismo espalharam durante

que havemos de ver as livres pen-

as autoridades de ópa e vela to-

caria na função...»

Redactor: — Na Batalha de an-

tem publicada uma carta do sr.

Francisco da Silva, na qual se pre-

### NOTAS & COMENTÁRIOS

O nosso museu é uma surpresa para os nossos leitores a fundação do nosso museu, museu admirável que atraíra, de certo, a Portugal todo o estrangeiro curioso, principalmente os ingleses altos, rosados e louros, acompanhados dos *misses* altas, rosadas e louras, que percorrem todas as partidas do mundo, espalhando o amor de todos os membros que sejam em obstáculo, — manter a todo o transe a miséria em que se acha imersa a maioria da Humanidade.

A sociedade capitalista, que exalta essa qualidade ignobil do egoísmo faz desaparecer, com a sua influência, tudo o que há de nobre, de belo e de útil. Quasi toda a energia dos homens vai encaminhada de modo a revestir-se de forças para repelir primeiro os ataques de que os tornarão vítimas os seus semelhantes, e para lutar depois com elas nessa luta disputa em que se vê que quem ocupará o papel de verdugo.

Isto sucede com o homem que teve a fortuna, digamos assim, de educar-se a amparo daqueles que, conquistadores já, puderam preparar a sua sucessão

para que seja uma unidade com direito de voto na comunidade dominante. O filho do pária, a multidão, nasce já para ser considerada uma coisa, e não pode chegar a subtrair-se à sua qualidade de material explorável, mais depreciado que a máquina ou que os produtos brutos da natureza.

Os visitantes a quem estes objectos interessam directamente — porque os têm perdido — devem dirigir-se à administradora d'A Batalha, onde se encontram depositados enquanto não se acaba de construir um maravilhoso palácio no Parque Eduardo VII, feito especialmente para conter, em vitrines artísticas, tam formosas obras de arte.

**Viva o rei!** — Lembrase de que o rei é sempre um rei, e que os republicanos a respeito da realidade, no tempo da monarquia? Não é preciso repeti-lo. Agora que se apanham no poleiro, agora que a coroa foi trocada pelo barrete frígio, é vê a maneira como um rei e uma rainha são recebidos pelos bons republicanos. Para estes últimos a realidade — é sempre a realidade, é sempre um rei — é uma ficção, o avental arrendado um pedaço de pano, milagrosamente salvo do abandono ou do lixo por sens desfes frágil e diaiano.

As sociedades que estejam

substituir a realidade pelo

republicanismo, que tem a apariência de republicano. Os outros que não dão vivas ao rei recebem-no de braços abertos. Nunca vimos que inimigos se abracassem, a não ser que estes representando uma comédia ignobil. Os republicanos são contra o rei, seja ele qualfor. Se o abracam... e beijam, não são republicanos são monarquicos, são partidários da tirania, invertidos dum princípio... Belo. O rei da Bélgica vai ter uma recepção admirável. Soltar-se hão vivas ao rei e teremos a impressão da realidade: estarmos num monarquia de barrete frio.

— E que nos dizem às procissões?

Responda os bons republicanos, no

auge do seu entusiasmo:

— Viva o rei, viva!

Isto só se pode comentar com o pade-

A formosa Cacilhas é uma formosa

Cacilhas planta. O bom prole-

ário, de tradições libe-

rais, ama-a, venera-a, porque ali vai

passar, no domingo, o seu pedaço de

terceiro, entre o estômago com a

merenda. O sol, as moscas, o estô-

rnar tornam Cacilhas um ponto admirável para permanecer. Os burros, os guis-

os estreitinhos e o vinho espumante for-

mam o orgulho da civilização portuguesa.

Mas isto não basta. Os católicos,

amigos do país e da... república, querem

tornar mais célebre láfora, engran-

decer mais a fama da formosa Cacilhas.

Aproveitam para isso a chegada

dos soberanos belgas para fazer uma

procissão, para passar pelas poucas e

estreitas ruas as imagens divinas. Cacilhas está hoje mais atraente do que nunca, mais bela, mais perfumada. Os burros, personagens católicos e impor-

tantes devem fazer parte do cortejo reli-

gioso. Tudo isto é realmente interessante, deve constituir um espetáculo deslumbrante. Porque não há-de, por-

tanto, o operariado, que admira Cacilhas sob todos os seus aspectos, deixar o trabalho por meio dia — porque vale a pena — e ir até à outra margem aplaudir freneticamente a grande palhaçada religiosa que há de levantar o prestígio português, ante os olhares do mundo inteiro?

— E que nos dizem às procissões?

Responda os bons republicanos, no

auge do seu entusiasmo:

— Viva o rei, viva!

Isto só se pode comentar com o pade-

Em Espanha

Os ferroviários andaluzes amea-

çam declarar-se em greve

MALAGA, 31. — Os ferroviários andalu-

zes, com a comissão de propriedade da

procissão, que se verifica no dia 28 de

outubro, querem que a greve seja ad-

ecidida a iniciativa das classes marítimas;

pois que estas, salvo algumas exceções

que figuram como comparadas na homenagem

à Santa que, milagrosamente, fez recuar a água que invadu-

ram Cacilhas, por ocasião do

aniversário da sua fundação.

Muitos outros factos propõem apontar

corroboração as minhas afirmações, como as

assustadoras que firmam os diversos ofi-

